

EDUCAÇÃO E MUDANÇA**EDUCATION AND CHANGE**

Conceição Aparecida Viúde FERNANDES
Ieda Maria da Silva Pinto BARBOSA

RESUMO: O fim da sociedade fordiana mostra que não podemos socorrer-nos das velhas receitas ideológicas; o novo contorno social desenhado no final do século XX e início do século XXI exige uma nova estratégia de sobrevivência. Atualmente, o mundo do trabalho exige aprendizado vitalício e responsabilidade social; este processo coloca a educação no eixo das transformações sociais e do desenvolvimento humano. Assim, a missão da universidade deve estar pautada no trabalho transdisciplinar, que vise atender às demandas que se instalam com a complexidade crescente do nosso mundo.

ABSTRACT: *The end of the Fordian Society shows us that we cannot live by old ideological formulas; the new social design at the end of the 20th Century and at the beginning of the 21st century requires a new survival strategy. Presently, the work place requires vital learning and social responsibility. This process places Education in the axis of social transformations and that of human development. Therefore, the mission of the university must be set by transdisciplinary work, which aims to attend the demands which have been established as a consequence of increasing complexity of our world.*

Palavras-chave: Educação; Sociedade; Mudança e Transdisciplinaridade.

Keywords: *Education; Society; Change; Transdisciplinarity.*

O século XXI impõe uma série de desafios para todos os setores da vida humana; assim podemos entender que nossas escolhas são, mais do que nunca, escolhas estratégicas. Tal afirmação pode ser justificada tendo em vista que as velhas receitas ideológicas são inúteis diante de uma nova realidade que se configura ainda em construção.

O desabar da sociedade fordiana mostra que não podemos socorrer-nos das velhas receitas ideológicas. O desemprego continua a crescer, o trabalho residual é cada vez mais precário e atomizado. O pós-fordismo apresenta-se, no cenário, com a máscara do neoliberalismo, a eficácia comercial da flexibilidade e da organização. Na realidade, esta máscara esconde um desinteresse fundamental pelos destinos humanos.

Se entendermos que as mudanças materiais suscitam transformações em todos os índices da vida humana, podemos concluir que: assim como a ética protestante e a organização burocrática serviram de base de sustentação para o capitalismo dos séculos XIX e XX (Weber, 1980), novos princípios serão concebidos para justificar, manter e aperfeiçoar as exigências criadas pelo avanço tecnológico.

Considerando Kyrillos (2005), podemos afirmar que os novos processos de comunicação, a velocidade do avanço tecnológico, a automatização dos meios de produção, a queda de barreiras políticas e a formação de novos blocos econômicos promoveram alterações radicais na ordem mundial. Essas transformações incidem tanto sobre a cultura como sobre a

1 viude@terra.com.br
UnG – Campus Guarulhos – Ceppe – Praça Tereza Cristina, 58 – Centro – Guarulhos – São Paulo. CEP: 07023-070 – Fone: (0__11) 6464-1684 – Fax: (0__11) 6464-1758

2 prof_ieda@superig.com.br
UnG – Campus Guarulhos – Dutra – Av. Anton Philips, 01, Vila Herminia – Guarulhos – São Paulo. CEP: 07030-010 – Fone: (0__11) 6424-1616



educação. Diante desse quadro não há como pensar a educação isolada do próprio contexto sociopolítico e econômico (Andreoli e Santos, 2005).

Com relação ao desenvolvimento espetacular da Tecnologia, Ortz (1998, p. 220) afirma que:

... não devemos imaginar que vivemos em um mundo sem fronteiras, como se o espaço tivesse definitivamente superado pela velocidade de tempo. Seria mais correto dizer que a modernidade, ao romper com a geografia tradicional, cria novos limites (...). Nossa contemporaneidade faz do próximo o distante, separando-nos daquilo que nos cerca, ao nos avizinhar dos lugares remotos.

Belluzzo (2005) aponta que este novo contorno social desenhado no final do século XX e início do século XXI exige como estratégia de sobrevivência: criatividade; aplicação e disseminação da informação; transferência e adaptação de conhecimentos a novas situações. Portanto, a preparação para responder a tais exigências coloca à educação, em todos os níveis, um desafio importante: o desenvolvimento de um intelecto habituado ao pensamento crítico, à aprendizagem autônoma, em síntese, ao processamento, elaboração e estruturação da informação para a geração do conhecimento.

Segundo Pozo (1996), o conjunto de novas exigências sociais não só “muda o que aprende, mas também a forma como se aprende.” Dado que boa parte dos pressupostos dessa cultura tradicional entra em choque com as exigências das novas propostas educacionais onde o conhecimento é um recurso flexível, fluido, sempre em expansão e sempre em transformação, é o aprender a aprender, isto é, o professor também precisa aprender a ensinar de uma maneira diferente daquela que lhe foi ensinada, aprender e considerar a pesquisa na busca do conhecimento como um caminho que vai ajudar os alunos a se tornarem um pesquisador permanente.

Para tanto, faz-se necessário que o professor entenda que:

... o conhecimento não é impessoal como o dinheiro. O conhecimento não reside em um livro, em um banco de dados, em um programa de software; estes contêm apenas informações. O conhecimento está sempre incorporado a uma pessoa, é transformado por uma pessoa, é criado, ampliado ou aperfeiçoado por uma pessoa, é aplicado, ensinado e transmitido por uma pessoa e é usado, bem

ou mal, por uma pessoa (Drucker, 1997b, p.165).

Segundo Silva (2005), o fruto do conhecimento adquirido nas escolas e aperfeiçoado no mundo do trabalho deve retornar à sociedade, num trabalho conjunto de melhoria das condições de vida. A interação entre a escola-trabalho-sociedade é mediada pelo conhecimento, sendo que o conhecimento é uma construção humana. Assim, a formação humana não pode ser negligenciada nesse processo.

Ao abordar a relação entre a educação e sociedade Dowbor (2005) afirma que “a educação já não pode funcionar sem se articular com dinâmicas mais amplas que extrapolam a sala de aula. Da mesma forma, a economia já não pode funcionar de maneira adequada sem enfrentar a questão da organização social do conhecimento.” Atualmente, o mundo do trabalho exige aprendizado vitalício e responsabilidade social.

Ao mesmo tempo em que escrevemos isto, nos vem a mente o quanto é paradoxal essa situação de ensino-aprendizagem, e como é difícil e complexa a tarefa de construir o conhecimento, desenvolvendo as capacidades humanas que permitam às sociedades sobreviverem e terem êxito nesta era da informação. Espera-se que os educadores construam as comunidades de aprendizagem e desenvolvam as capacidades de inovação, criatividade, flexibilidade e compromisso com as mudanças necessárias à compreensão da situação sociopolítica do século XXI.

Para enfrentar esse paradoxo, Drucker (1997) sugere que a escola, a exemplo da arte e do esporte, reforce aquilo que cada um tem de bom, ou seja, que as habilidades de cada um sejam respeitadas e desenvolvidas. Assim, caberia à escola estimular o aluno a aprender e fazer melhor aquilo que ele já faz bem. Esse processo coloca a educação no eixo das transformações sociais e do desenvolvimento humano.

A importância que a educação vem assumindo no cenário internacional pode ser evidenciada pelos crescentes investimentos neste setor, sendo que, os países mais desenvolvidos dedicam em média 6% (Unicamp, 2005) de seu PIB em Educação. Contrário a esta tendência, no Brasil, este percentual tem sido em torno de apenas 4% (Unicamp, 2005), a educação é a primeira vítima a ser sacrificada pelo enxugamento dos gastos públicos.

Para reverter esse processo de hipertrofia, o Es-



tado Brasileiro deve desenvolver políticas sociais que visem ao aumento do investimento público em Educação (Copa, 2005), já que a sociedade brasileira necessita catalisar essas mudanças e preparar-se para os desafios da sociedade do conhecimento de forma criativa, inovadora e flexível nestes tempos de incerteza, contradições e rápidas mudanças.

O início do século XXI mostra a necessidade de uma nova subjetividade, um sentimento coletivo, mundializado pela velocidade eletrônica; neste contexto, a educação deverá preocupar-se com a geração de experiências de aprendizagem, criatividade para construir novos conhecimentos e habilidades para saber “acessar” fontes de informação sobre os mais variados assuntos (Belluzzo, 2005).

A universidade, que já foi o grande centro de produção e difusão do conhecimento, tem que redefinir suas estratégias para não perder o compromisso com a reconstrução social. Faz-se necessária a elaboração de novos paradigmas para a educação, pois é comum, ouvir-se que só educação falta ao povo. Mas que tipo de educação? A educação na família, na escola, no contato com o meio, pelos meios de comunicação, está apoiada numa certa visão de mundo. Que visão de mundo predomina nessa educação?

Frente a tantas incertezas, Saviani (1996, p. 83) afirma que a universidade por meio do “engajamento, descobrirá que, para ser um instrumento de realização das aspirações populares, deverá expressar a “cultura popular” em termos eruditos. Nessa descoberta descobrirá, também, a importância da educação e da escola”, recuperando, assim, a unidade do ensino que, em termos gerais, vive uma realidade fragmentaria entre:

- cultura popular e cultura erudita;
- teoria e prática;
- senso comum e conhecimento científico; e
- produtividade e bem estar social.

Essa nova forma de entender o conhecimento e a cultura vem sendo combatida, pois gera insegurança e exige mudanças de atitude e “reforma do pensamento.” Para Morin (2004), apesar do conservadorismo de parte dos profissionais da educação, cabe ao educador iniciar a “reforma do pensamento.” No entanto, não devemos entender que essa “reforma” é uma simples adaptação às condições mate-

riais originadas pelo desenvolvimento tecnológico, pois toda mudança deve ser motivada pelo desejo de construir um mundo melhor e mais justo, colocando a ciência a serviço do homem e não o homem a serviço da ciência.

O Relatório Delors (1996) aponta que a missão da universidade deve estar pautada no trabalho transdisciplinar, que vise atender às demandas que se instalam com a complexidade crescente do nosso mundo. O mesmo relatório indica quais são os pilares necessários para a nova educação em construção:

- aprender a conhecer;
- aprender a fazer;
- aprender a viver junto; e
- aprender a ser.

Conforme Petraglia (1995), profunda estudiosa de Morin, a transdisciplinaridade é fruto do paradigma da complexidade, fundamentada por uma epistemologia da complexidade, também estando presente em seu seio as interligações de Sujeito-Objeto-Ambiente. Neste sentido, podemos concluir que a ciência é essencialmente transdisciplinar, pois o saber é resultado da busca de todas as relações que possam existir entre todo conhecimento, não havendo espaço para conceitos fechados e pensamentos estanques.

Romper com os limites entre as ciências atinge todos àqueles comprometidos com a produção e democratização do conhecimento. O trabalho transdisciplinar exige a aproximação entre os profissionais de formação muito diferenciada, e acrescenta um novo desafio à universidade: socializar o conhecimento para além dos limites dos cursos e das disciplinas. “Entre a teoria e a prática persiste uma relação dialética que leva o indivíduo a partir para a prática equipado com uma teoria e a praticar de acordo com essa teoria até atingir os resultados desejados” (D’Ambrósio, 1999, p. 79). Contudo, não raro, a teoria se sobrepõe à prática no cotidiano acadêmico, fragmentando e dificultando a apropriação do conhecimento.

Como apresentar uma proposta de trabalho pedagógico aberto? O projeto de trabalho pode ser considerado como: uma atividade em que seus objetivos facilitam um processo dialético entre as estruturas públicas de conhecimento e as subjetivas e individuais. O alvo do ensino está no processo mais do que no resultado da aprendizagem e trata, mediante uma série

de atividades, de exemplificar e facilitar as possibilidades de compreensão e interpretação da realidade dos seres humanos (Hernandez, 1998, p.106).

Para que a universidade assuma uma postura transdisciplinar, faz-se necessário perceber a complementaridade da oposição, a construtividade dos antagonismos, pois as diferenças são as partes cons-

titutivas de uma unidade complexa. Cabe ressaltar que conviver com as diferenças não significa que a educação deva ficar à deriva das vontades individuais, pois ela deve resultar de um projeto coletivo que vise à solução de problemas e à conseqüente construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRIOLI, A.A.I. E SANTOS, R. **Educação, globalização e neoliberalismo: o debate precisa continuar.** <http://www.campus-oei.org/revista/deloslectores/905Santos.pdf>
- BELLUZZO, Regina Celia Baptista. **A Educação Na Sociedade Do Conhecimento.** http://www.usc.br/graduacao/pedagogia/texto_regina.htm
- COPA. **Educação e formação: entre a inevitável competição e a indispensável igualdade de oportunidades.** http://www.copa.qc.ca/Portugais/Nos_activites_port/Assgenprecedport/Quebec1997/Synt_educ_19_p.html. 19 de setembro de 1997
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da Teoria à Prática.** Campinas: Papyrus, 1996. 120p.
- DELORS, J. et al. **Educação: um Tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.** 4ª. ed. São Paulo: Ed. Cortez; Brasília: Unesco, 1996
- DOWBOR, Ladislau **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação.** http://www.mhd.org/artigos/dowbor_tecnologias.html
- DRUCKER, Peter F. *As Novas Realidades: No Governo e na Política, na Economia e nas Empresas, na Sociedade e na Visão de Mundo.* 4.ed. São Paulo: Pioneira, 1997.
- KYRILLOS, Sergio Luiz. **Educação, Mercado de Trabalho e Globalização.** <http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/kyrillo.html>
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, (2004).
- ORTZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PETRAGLIA, I.C. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- POZO, J. J. In: Estratégias de Aprendizagem. In: C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (orgs), *Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação* (pp. 176-197). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação – Do Senso Comum à Consciência Filosófica.* Campinas: Autores Associados, 1996.
- SILVA, Gleice Coelho Gomes. **Notas altas nas provas ou seu dinheiro de volta.** <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/sv30.htm>
- UNICAMP. **Unicamp envia ao MEC manifestação sobre reforma.** http://www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/BDNP/NP_920/NP_920.html [31/3/2005]
- WEBER, Max. *Textos Selecionados.* 2ª.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.